Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 00, N. 00 (2024)
ISSN 2319-0868

Dossiê Linguagens Urbanas: olhares e diálogos nos territórios das cidades

NÓS URBANOS E HUMANOS: CORPOS COMO EXPRESSÃO DAS CIDADES

URBAN AND HUMAN *WE/NODES*: BODIES AS AN EXPRESSION OF CITIES

NODOS/NOSOTROS URBANOS Y HUMANOS: CUERPOS COMO EXPRESIÓN DE LAS CIUDADES

Alice Maria Corrêa Medina
Universidade de Brasília - UnB, Brasília/DF, Brasil

Resumo

Os corpos, que circulam nas cidades, concebem a dinâmica e o fluxo urbano pela forma com que se deslocam de um local para outro, pois à medida que avançam ou retroagem imprimem o cenário presente e futuro, real e simbólico de cada cidade. O texto tem como objetivo refletir e discutir sobre as relações entre os corpos na/da cidade considerando as interlocuções corporais e os desafios atuais. O método utilizado foi uma revisão da literatura, por meio de uma pesquisa qualitativa, baseado em autores considerados fundamentais às reflexões e discussão sobre o tema. O artigo discorre sobre as paisagens corporais que se interpelam cotidianamente nos espaços das cidades, dos quais emergem, instituídas pelos ambientes de sujeição dos corpos e realidades. As ruas, como recintos públicos, são consideradas como espaços de conflitos e harmonias. Ao final, conclui-se que uma educação carente de processos para a humanização de maneira efetiva reduz os sentidos humanos, dissipando as relações, resultando em *nós* urbanos e humanos, reféns da materialidade instituída nos tempos e espaços das cidades.

Palavras-chave: Corpo-território. Educação. Cidades.

Abstract

Bodies that move around cities create urban dynamics and flow through the way they move from one place to another, because as they move forward or backward, they create the present and future, real and symbolic scenario of each city. The text aims to reflect and discuss the relationships between bodies in/of the city, considering bodily interlocutions and current challenges. The method used was a literature review, through qualitative research, based on authors considered fundamental to reflections and discussions on the topic. The article discusses the bodily landscapes that are challenged daily in the spaces of cities, from which they emerge, instituted by the environments of subjection of bodies and realities. Streets, as public spaces, are considered spaces of conflict and harmony. In the end, it is concluded that an education lacking processes for effective humanization

MEDINA, Alice Maria Corrêa. *NÓS* URBANOS E HUMANOS: CORPOS COMO EXPRESSÃO DAS CIDADES. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 66, N. 66, p. 1-20, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

V. 00, N. 00 (2024)
ISSN 2319-0868

reduces human senses, dissipating relationships, resulting in urban and human nodes, hostages of the materiality instituted in the times and spaces of cities.

Keywords: Body-territory. Education. Cities.

Resumen

Los cuerpos, que circulan en las ciudades, conciben el flujo urbano por la forma en que se mueven de un lugar a otro, a medida que avanzan o retroactan el escenario presente y futuro, real y simbólico de cada ciudad. El texto tiene como objetivo reflejar y discutir las relaciones entre los cuerpos en/de la ciudad considerando las interlocuciones corporales y los desafíos actuales. El método utilizado fue una revisión de la literatura, a través de la investigación cualitativa, basada en autores considerados fundamentales para las reflexiones y la discusión sobre el tema. El artículo discute paisajes corporales que se entrelazan entre sí diariamente en los espacios de las ciudades, que surgen, instituidos por los entornos de sujeción de cuerpos y realidades. Las calles, como recintos públicos, se consideran espacios de conflicto y armonías. Al final, se concluye que una educación que carece de procesos para la humanización reduce efectivamente los sentidos humanos disipando las relaciones lo que resulta en nodos urbanos y humanos, rehenes a la materialidad instituida en los tiempos y espacios de las ciudades.

Palabras clave: Territorio corporal. Educación. Ciudades.

Introdução

O texto apropria-se da palavra nós, como uma figura de linguagem, para convidar para uma imersão reflexiva sobre o *nós* – como entrelaçamentos, confluências e pontos de tensões corporais e o *nós* – como um coletivo humano provido de relações e afetações mútuas, entre os corpos. São apresentadas reflexões e discussões sobre os *nós* urbanos e humanos baseadas no corpo-território e nas urgências das cidades.

Ao convidar a antropologia, para colaborar para a compreensão sobre o que é ser humano verifica-se que, em linhas gerais, como seres humanos todos nós nascemos, mas que somente após as experiências, efetivamente, o seremos. Portanto, ser humano é constituir-se sempre como um processo no seu devir. Esse é o grande desafio da diáspora civilizatória, buscar constantemente aproximar-se de uma completude, sabendo da sua condição de incompletude. Freire (1996), concebe o ser humano como inacabado devendo, portanto, reconhecer-se em processos contínuos de desenvolvimento pela humanização de si próprio.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 00, N. 00 (2024)
ISSN 2319-0868

Sopesando os desafios e a relação entre as urgências humanas, o inacabamento e a complexidade dos indivíduos é premente implementar conjuntamente, políticas e medidas que possam promover a humanização. É necessário compreender que uma criança ao nascer é biológica e fisiologicamente um ser humano, mas que se constituirá como tal ao longo do seu processo e desenvolvimento educacional, social e cultural por meio de suas relações e experiências no mundo.

Embora cada território e cidade tenha sua inspiração para decidir sobre as questões sociais, o *custo* humano tem sido cada vez maior. A vida nas cidades deve ser compreendida, dialogicamente, com todas as outras questões que desafiam a convivência baseada na urbanidade, superando qualquer tipo de argumento que exista a margem dos contextos dos sujeitos, onde a vida seja o principal argumento a ser apreendido.

A educação humana é um processo de aprendizagem baseada na cultura das sociedades que envolve estratégias e metodologias a longo prazo, em diálogos instituídos de maneira globalizada, nas cidades e territórios.

Assim, a conivência entre atores e/ou autores da cidade se realiza nos tempos e espaços onde a vida acontece das formas mais variadas, originada pelo que é considerado coerente e contraditório, ao mesmo tempo.

Sendo assim, surge a seguinte pergunta: Como cientificar os contextos que emergem dos cotidianos? Certamente isso só será possível se as variáveis subjetivas, culturais e até emergentes forem reconhecidas como produtoras de conhecimento.

O texto apropria-se de autores considerados seminais para a proposição de reflexões importantes sobre o corpo na/da cidade, com citações que certamente irão corroborar para a produção de considerações para além do texto escrito, uma vez cada um dos autores citados, pela dimensão conceitual e teórica notoriamente reconhecidas, amplia o escopo reflexivo sobre os conceitos e as abordagens em tela.

Paisagens dos corpos-sujeitos

V. 00, N. 00 (2024)
ISSN 2319-0868

Segundo Santos (1998, p.21), paisagem é "tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem […]. Não apenas formada de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc."

A definição do autor incide no conceito de paisagem e o presente artigo propõe um exercício reflexivo a partir de um reposicionamento do observador sobre o que é observado, ou seja, utilizando uma lente que observa a paisagem da cidade intenta um movimento de transposição dos aspectos objetivos para os subjetivos. Além do que foi citado por Santos como, por exemplo, "[..] as cores, os movimentos, odores, sons" (Santos, 1998), p.21), das cidades, são percebidos e identificados os agentes que produzem e interferem na paisagem. Nesse lugar, o corpo-sujeito pode ser identificado e considerado como aquele que além de expressar a cidade, produz os significados que são reverberados nas cidades.

O exercício proposto pelo texto é uma ampliação dos elementos constitutivos, relacionados à configuração de paisagem, favorecendo uma apropriação coletiva no sentido de um caminho transdisciplinar sobre o conceito de paisagem.

A ampliação do conceito de paisagem é possível à medida que o observador, ao observá-la, tem a possibilidade de identificar os autores que produzem e interferem em um determinado espaço geográfico. Nesse sentido, em algum momento os corpos passam a integrar a paisagem como protagonistas ou coadjuvantes, compartilhando tempos e espaços comuns. Dessa forma, como um corpo em um determinado espaço geográfico, se integra a paisagem observada e interpretada das cidades.

A dinâmica da cidade é produzida, entre outros, pelos movimentos dos corpos que conferem sentido à vida urbana, pois à medida que se deslocam para frente e para trás interferem nos cenários, negociando e produzindo paisagens e realidades.

Ao pesquisar o conceito sobre o *ser sujeito*, em um site de busca livre a primeira indicação é a do sujeito como pessoa que, no contexto social de uma forma ou de outra, está envolvido em um processo de sujeição. Segundo Butler "sujeição significa tanto o processo de se tornar subordinado pelo poder quanto o processo de se tornar um sujeito" (2020, p.10). O pensamento butleriano conduz para a noção de sujeito baseado nas relações de poder.

V. 00, N. 00 (2024)
ISSN 2319-0868

Destarte, os nexos entre o sujeito e o poder, segundo a lógica social é necessária para que as relações sejam estabelecidas e consigam prosperar no contexto das sociedades, a fim de que os cidadãos assumam suas responsabilidades e espaços instituídos pelas conexões tramadas, construídas e desconstruídas nos processos de sujeição. Nesse mesmo sentido, a lente foucaultiana, sobre o sujeito e o poder, amplia a percepção de sujeito na/da ação. Foucault identifica e aponta o contexto cotidiano como produtor de subjetividade e identidade. De acordo com o autor:

> Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a. (Foucault, 1995, p. 235).

As relações sociais produzem sujeitos sociais que a *priori* têm o objetivo de promover o desenvolvimento de indivíduos adequados aos moldes das lógicas disseminadas pelas culturas, dos diferentes grupos instituídos. Foucault afirma que o poder não está relacionado a um termo de consentimento, acrescentando que o poder só é exercido sobre "sujeitos livres". Foucault afirma que:

> Quando definimos o exercício do poder como um modo de ação sobre as ações dos outros, quando as caracterizamos pelo "governo" dos homens, uns pelos outros – no sentido mais extenso da palavra, incluímos um elemento importante: a liberdade. O poder só se exerce sobre "sujeitos livres", enquanto "livres" – entendendo-se por isso sujeitos individuais que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer. Não há relação de poder onde as determinações estão saturadas – a escravidão não é uma relação de poder, pois o homem está acorrentado (trata-se então de uma relação física de coação) – mas apenas quando ele pode se deslocar e, no limite, escapar. (Foucault, 1995, p. 244).

Sem dúvida, há vinculações entre o corpo e as cidades. A cena cotidiana é realizada pelos mesmos sujeitos de ação e sujeição, ao mesmo tempo, assumindo um papel a cada momento, sendo um ou outro dependendo da cena e contextos observados. Cada corpo em si contribui, participa e integra a tela viva da cidade

V. 00, N. 00 (2024)
ISSN 2319-0868

compondo direta ou indiretamente as cenas que imprimem e produzem as realidades a partir de sentidos e significados individuais e coletivos.

Nessa mesma esteira, o poder passa a ser um marcador social do corpo-sujeito, direta e indiretamente, instruído para a organização e hierarquização em níveis, que o nomeiam e o identificam como agentes de poder e sob o poder, de forma concomitante.

Os sujeitos urbanos compartilham e imprimem nas cidades suas crenças, valores e comportamentos e ao mesmo tempo são marcados pelas experiências vividas nos territórios, cujas identidades são forjadas pelas teias pessoais e coletivamente tramadas, existindo uma relação permanente entre os sujeitos urbanos e as cidades. A percepção sobre essa dinâmica, às vezes, não é clara havendo a necessidade de uma pausa ou intervalo para que a percepção aconteça de maneira consciente.

Em relação a esse exercício, Bondía (2002) afirma que é essencial uma interrupção do processo da experiência. Segundo o autor é necessário

> [...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspendera opinião, suspender o juízo, suspender à vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (2002, p. 19).

Nós corporais e humanos

Considerando os problemas observados atualmente, em relação aos confrontos nas cidades entre pessoas e grupos, constata-se que a violência acende de forma exponencial em diferentes ambientes, ocorrendo uma percepção quanto a uma normalização de atitudes e comportamentos, onde a fúria física, sufoca a cordialidade do espírito frente a uma percepção equivocada de supremacia de sujeitos que se consideram maiores e melhores que o outro.

Se a prerrogativa relativa ao direito a vida é aceita onde todos possam ser considerados, essa concepção deveria ser precedida a toda e qualquer ação ao se tratar sobre vidas humanas que, muitas vezes, são repentinamente abatidas de diversas formas. Neste sentido

V. 00, N. 00 (2024)
ISSN 2319-0868

> [...] se mundializam os interesses económicos, mas não se consegue mundializar o interesse pelos direitos básicos da pessoa humana. O mundo unifica-se no que respeita os cartões de crédito [...], mas continuamos incapazes de afrontar de maneira global a fome, a guerra [...], a proteção do meio ambiente, o respeito pelas liberdades públicas e o combate contra a discriminação racial, sexual etc. (Savater, 1998, p. 125).

Em alguma medida, o outro é uma extensão de cada sujeito no mundo, embora isso não seja identificado e considerado durante as interações cotidianas. As relações, humanas são fundamentais a aquisição para humanização e, Savater afirma que, "o fato de ensinar a nossos semelhantes e de aprender com nossos semelhantes é mais importante para o estabelecimento de nossa humanidade do que qualquer um dos conhecimentos concretos que assim se perpetuam ou se transmite" (1998 p. 40).

Cada sociedade produz seus significados, coletivamente, criando e sustentando uma identidade própria. Savater, esclarece que "por 'significado' não se deve entender uma qualidade misteriosa das coisas em si mesmas, mas a forma mental que nós, humanos, lhes damos para nos relacionarmos uns com os outros por meio delas" (1998 p. 41).

Sopesando a relação entre a forma mental e as experiências que atravessam o corpo (Bondía, 2022) é interessante refletir sobre como essas variáveis são interferidas diretamente pela cultura do espaço, quer dizer, das ruas, dos prédios e equipamentos públicos e privados, que de alguma forma esculpem o corpo dos sujeitos e das cidades.

Visto que a forma mental é produzida pelas diferentes experiências que perpassam os sujeitos, compreender as diversas respostas ao mundo é um desafio requerido durante o exercício para compreensão dos fenômenos. Conforme Savater "ninguém é sujeito na solidão e no isolamento, sempre se é sujeito *entre* outros sujeitos: o sentido da vida humana não é um monólogo, mas provém do intercâmbio de sentidos, da polifonia coral (Savater, 1998 p. 44).

Corpo-território: corpos e cidades

O corpo como expressão e representação humana, transita por diferentes esferas e espaços que acabam sendo interligados pela *costura* dos sujeitos e

V. 00, N. 00 (2024)
ISSN 2319-0868

dialogadas com as experiências vividas por meio dos movimentos realizados, por cada sujeito na tessitura, individual e coletiva, cotidianamente.

Como sujeito e objeto, na trama das relações percorre vários lugares como a moradia, as ruas, os bairros e as cidades trazendo aos ambientes a sua estrutura perceptiva, seus valores e comportamentos às cidades. Atuam como agentes de afetação sendo, ao mesmo tempo, interferidos e impactados pelas dinâmicas multifacetadas e pelos desafios e problemas que ocupam e caracterizam às cidades.

> O corpo é o lugar de onde vemos o mundo, que faz o mundo vibrar e nos faz ver o universo de determinada forma: o modo como vivemos o corpo. O corpo é o território de onde dizemos o mundo. No mínimo, o corpo é um instrumento de ação. O corpo olha, é, sente; o corpo pensa. É o corpo que sente, pensa e diz a cidade e, ao dizê-la, transforma-se nela. O inverso: a cidade marca a sua existência por meio do corpo dos sujeitos do mundo que, nos lugares-territórios, experimentam a vida. (Hissa e Nogueira, 2013, p. 61).

Segundo Canevacci (1993, p. 43), “a cidade é o lugar do olhar. Por este motivo a comunicação visual se torna o seu traço característico”. A percepção visual mobiliza um dos principais sentidos físicos do corpo que é a visão consistindo em leituras perceptivas dos ambientes. Dessa forma, a comunicação é estabelecida constantemente por meio das experiencias do corpo, durante as relações com os ambientes, e sobre o mundo pelos sentidos corporais. Assim sendo, o corpo-território das cidades é um corpo no/do fluxo urbano atuando como agente social tecido e tecelão dos cenários socioculturais.

O território, no contexto das relações com os sujeitos e o espaço, é um espaço de relação e comunicação que emerge das cotidianidades.

O conceito de corpo-território, segundo Corandin e Oliveira (2024) é consequência de

> mobilizações comunitárias de mulheres de povos originários de abya yala. aos poucos foi incorporado por mulheres indígenas, negras e camponesas brasileiras. o corpo-território consiste em dimensão biológica, mental, social e cosmogônica. a partir de seus corpos e territórios, elas questionam impactos de grandes empreendimentos, problematizam violências contra a mulheres e contra a Terra; problematizam desigualdades de sexo-gênero, classe e raça; e denunciam situações que constrangem a saúde e seus corpos e territórios. (2024. p, 01).

V. 00, N. 00 (2024)
ISSN 2319-0868

De acordo com Camus, em relação ao corpo-território, a dinâmica das cidades permite observar como a diversidade se organiza considerando, por exemplo, as diferenças sociais quando se almeja conhecer e entender como as pessoas vivem e se mobilizam nestes espaços urbanos. Camus acredita que:

> Ao examinar como as pessoas vivenciam os espaços, demonstra-se como o mesmo espaço — simultaneamente dinâmico e mutável — é contestado de maneiras diferentes e conflitantes por seus vizinhos. Portanto, é importante examinar como a diversidade se organiza e sob qual ordem social as interações dos moradores se orientam: proximidade física não implica necessariamente proximidade social — o território é um ponto de referência para identidade, mas também para status e diferenciação social. (Camus, 2002, p. 86, tradução nossa).

Em relação a discussão sobre o corpo na/da modernidade, como também o corpo da pós-modernidade, cada vez mais há uma fragmentação social das relações a partir das próprias estruturas corporais, nas quais o corpo é considerado separadamente. Dessa forma, é possível compreender a ação humana sobre a sociedade baseada na lógica estabelecida a partir do próprio corpo, ou seja, se o corpo não é admitido para além da união das partes, como aponta Morin (2000), como considerar os *corpos sociais* de forma coletiva, como um todo?

Le Breton sobre as fragmentações corporais e sociais, aponta que:

> O corpo moderno implica o isolamento do sujeito em relação aos outros (uma estrutura social de tipo individualista), em relação ao cosmo (as matérias-primas que compõem o corpo não têm qualquer correspondência em outra parte), e em relação a ele mesmo (ter um corpo, mais do que ser o seu corpo). (2012, pag. 9).

No livro “Carne e pedra”, Sennett (2008) aponta para uma convergência na criação e produção do tecido urbano que é impresso pelo corpo, configurado ao mesmo tempo como um corpo-receptor dos resultados e experiências relacionais cotidianas em que as expressões corporais, humanas e locais, estão inscritas material e imaterialmente. As corporeidades contemporâneas podem ser consideradas como implicações e interferências compartilhadas, pelas lógicas do tempo vivido e pelas experiências nas quais as identidades humanas estão ligadas as digitais urbanas.

V. 00, N. 00 (2024)
ISSN 2319-0868

Saberes e corpos invisibilizados

Pode-se dizer que a realidade é uma unidade entre a essência e a existência, ou seja, entre o interno e externo produzida nos espaços subjetivos e objetivos, durante as relações entre os agentes, os fenômenos e os objetos.

Segundo Siqueira e Siqueira (2011):

> O real, no entanto, não é senão a retradução da realidade segundo um sujeito histórico, que se encontra inserido em um sistema de coordenadas simbólicas, que lhe ajudam a se orientar no mundo. Considerado em si mesmo, o mundo objetivo não pode ser conhecido sem que um sujeito o intérprete, segundo uma cultura, aqui entendida como um código, que o habilite a "ler" a realidade. (2011, p. 660).

De acordo com Laplantine e Trindade "o real é a interpretação que os homens atribuem à realidade. O real existe a partir das ideias, dos signos e dos símbolos que são atribuídos à realidade percebida" (1997, p. 12).

Apresentar e discutir sobre o corpo como protagonista da produção e percepção e da própria realidade e como expressão da cidade é reconhecer um agente que produz e é produzido pela cidade, concomitantemente.

O corpo sempre foi tema de interesse em diversas áreas do conhecimento, principalmente como elemento de produção e manifestação cultural, social e política em diferentes tempos e espaços e, principalmente na luta de pautas que afetaram e afetam a sociedade.

As cidades estão assentadas em contextos geopolíticos diferenciados entre cenários e diferentes movimentos sociais e políticos, como palcos de contação e exposição de situações, problemas e desafios que atingem a população. Entre as questões mais emergentes, além da violência e da insegurança, figuram as emergências e dificuldades cotidianas que atingem a população de menor renda, mas que mesmo diante de todas as dificuldades vividas têm suas assinaturas legitimadas como autores da cidade.

O corpo urbano, além dos discursos e práticas baseadas nas relações e tensões do contexto das cidades, interfere nas práticas fomentando comportamentos que podem impactar de forma positiva e negativa, verificando-se diferenças entre as relações dos corpos e os ambientes urbanos compartilhados.

V. 00, N. 00 (2024)
ISSN 2319-0868

O(s) *nós* urbanos, referentes as problemáticas das cidades, se interpelam a todo momento entre os espaços das cidades, dos quais emergem, caracterizados como contextos de sujeições objetivas e subjetivas.

Neste lugar o corpo pode ser frágil, indiferente, corrupto, excluído, vigilante, amedrontado etc. O corpo citadino assume um papel multifacetado como um emissor e receptor de afetos, violências, humilhações e gentilezas, entre os espaços de convivência.

Seguindo o mesmo raciocínio, considera-se o corpo-urbano como o resultado das experiências vividas entre as cenas cotidianas, no interior e exterior dos espaços urbanos, que se circunscreveram e foram incorporados pelos sujeitos e cidades.

A noção dos sujeitos como cidadãos livres também é algo relativo quando se considera o corpo das cidades. Por exemplo, uma das justificativas apresentadas pelas pessoas em situação de rua é a de que residir nas ruas confere-lhes a liberdade de ir e vir, entretanto, na verdade são prisioneiros de uma concepção e percepção equivocada sobre a liberdade e o poder de escolha.

As ruas, como espaços públicos, reconhecidas a *priori* como lugares socio-democráticos são locais de conflitos quando os diálogos são vencidos e a possibilidade de um consenso é inexistente. Nas vias de acesso há carências urbanas e humanas que emergem em dimensão 3 D, entre processos de afetação diferenciados, inscrevendo cada cidade como um local frenético e, por vezes, desumanizados quando observa-se movimentos para promoção de invisibilidades e apagamentos de corpos.

Os corpos circulantes alteram a dinâmica e o fluxo das cidades pela forma com que se deslocam de um local para outro, pois à medida que avançam ou retroagem marcam suas trajetórias, de alguma forma, literal e simbolicamente, produzindo e imprimindo sentidos e significados como expressão das cidades.

As conexões entre o corpo e os diversos espaços fomentam discussões orientadas balizadas no reconhecimento de que toda e qualquer estrutura ambiental, institucional e organizacional é legitimada pelos agentes que as realizam diariamente.

Destarte, ponderar sobre isso permite a apropriação de um debate no sentido de compreender sobre os territórios corporais constituídos por meio de uma busca,

V. 00, N. 00 (2024)
ISSN 2319-0868

uma apropriação e um entendimento sobre os desafios e problemas relativos ao próprio ser humano, sua diversidade e complexidade nas cidades e no mundo.

Abordar questões relacionadas aos comportamentos, no contexto de variáveis objetivas e subjetivas, relativas aos processos de afetação para a produção de novos sentidos nos espaços sociais onde os corpos performam, é uma estratégia para a transformação de comportamentos já instituídos e *formatados*.

Realizando uma retrospectiva com o intuito de revisitar a memória da pandemia, referente aos impactos da pandemia nas cidades e na vida como um todo, Medina (2021a), publicou um artigo intitulado - *Nem cá, nem lá – Para onde a pandemia da COVID-19 pode levar, já que perto/longe é nenhum lugar?* A autora revela a situação de *perdimento*, sobre os rumos sociais, instituída durante o período de isolamento, principalmente nas cidades. As cidades, de um modo geral, ficaram esvaziadas de pessoas, de sentidos e de vida. Neste contexto, durante a pandemia a cidade, com a redução do fluxo de pessoas perdeu, temporariamente, sua expressão cotidiana como espaço de representação e manifestação da vida urbana.

Entre as instigações, da autora, está a gerência dos saberes populares que se mostram e se realizam, em dimensões diferenciadas, assim como os saberes científicos que, embora obtenham o reconhecimento como ciência, não dominam ou explicam as diferentes formas de conhecimento na sua totalidade. São essas variáveis, de saberes, que interferem nos cotidianos sociais, já que mesmo aquelas invisibilizadas pelas lógicas estabelecidas, não são dissipadas nos espaços relacionais.

A autora aponta que:

> Como mediador, o humano tecerá a rede de produção, sustentação e manutenção das formas de vida, considerando os fios de proteína produzidos pelas aranhas, a organização social das formigas e a flor do mandacaru na seca, indicando que a chuva chegará ao sertão. (Medina, 2021, p.39a).

Nessa estrutura dotada de complexidade há conjunturas políticas, culturais e sociais que produzem a vida das pessoas. Negar essa realidade não promove uma ação disruptiva sobre as interferências desses saberes e, muitas vezes, apenas os afastam da mesa coletiva para o diálogo. Da mesma forma que as políticas

V. 00, N. 00 (2024)
ISSN 2319-0868

públicas e as sociedades se organizam para a tomada de decisão, seja nas cidades ou em outras áreas, os grupos fomentam e disseminam discursos e comportamentos que interferem na vida cotidiana dos centros urbanos.

Quando o ser humano habita uma cidade traz consigo seus textos, referências e comportamentos sociais, culturais e políticos que interferem e implicam nas paisagens, nos espaços e tempos urbanos, assim como nos cenários naturais e locais produzindo experiências, individuais e coletivas.

Cotidianos incorporados

> A percepção do espaço não é uma classe particular de "estados da consciência" ou de atos, e suas modalidades exprimem sempre a vida total do sujeito, a energia com a qual ele tende para um futuro através de seu corpo e de seu mundo.
>
> Maurice Merleau-Ponty

Um dos argumentos, ao movimento de transformação, inicia-se pela compreensão das variáveis que incidem na produção de comportamentos, principalmente diante das questões nas quais haja a necessidade da mudança.

Nesse sentido, os valores e as atitudes que resultam em comportamentos são variáveis que integram o processo que, às vezes, passa desapercebido quando se faz apenas uma leitura baseada somente em resultados. Considerando os desafios e problemas sociais e urbanos, a educação é uma via em potencial para criação de novas trajetórias.

Iniciando o movimento, um dos primeiros passos é ampliar os contextos de observação a fim de que se possa visualizar e identificar os elementos e as variáveis relacionais envolvidas nos processos e realidades constituídas. É possível que nesse momento as discussões se localizem *entre lugares* como espaços de transição cotidianos.

A relação afetiva ou o elo afetivo entre o sujeito e um determinado lugar é denominado como topofilia, sendo elaborado durante os processos e experiências relacionais, entretanto, não está diretamente ligado aos espaços físicos, mas com as memórias afetivas, como um resgate emocional e física realizado por cada indivíduo (Tuan, 1980). Desse modo, o conhecimento sobre a produção de sentidos, elaborado pelo corpo subjetivo e objetivo, corrobora para o alcance e a

V. 00, N. 00 (2024)
ISSN 2319-0868

compreensão de que a produção de afetos passa pelas experiências e os sentidos produzidos pelos sujeitos diante do vivido.

> Os lugares humanos variam grandemente em tamanho. Uma poltrona perto da lareira é um lugar, mas também o é um estado-nação. Pequenos lugares podem ser conhecidos através da experiência direta, incluindo o sentido íntimo de cheirar e tocar. Uma grande região, tal como a do estado-nação, está além da experiência direta da maioria das pessoas, mas pode ser transformada em lugar – uma localização de lealdade apaixonada – através do meio simbólico da arte, da educação e da política. (Tuan, 1995, p. 149).

Enveredar por uma trajetória a partir da compreensão e do conhecimento relativo aos processos relacionais, baseada no reconhecimento da complexidade humana é escrutinar sobre os meandros que interferem, tanto na produção como na condução das realidades. Apropriar-se dessas informações relacionais, sobre o que foi incorporado por meio das relações com os fenômenos, poderá contribuir para soluções no âmbito da educação de forma mais propositiva e célere.

Em relação ao processo de incorporação, no contexto da produção de comportamento, Medina (2021b), apresenta o Paradigma Relacional da Vida (PRV), discutindo sobre o processo de incorporação e as implicações na produção de comportamentos. Com o objetivo de promover um exercício reflexivo, relacionado ao processo de incorporação e sua práxis, a autora apresenta como exemplo um tipo de comportamento ambiental incorporado, utilizando a descrição de uma cena factível para demonstrar como o comportamento humano é educado. A autora expõe a seguinte situação:

> Um corredor corre por uma pequena floresta. Ele está sozinho e não há câmeras ou transeuntes que possam identificá-lo. Durante seu exercício, ele segura uma pequena garrafa de plástico descartável com água para poder beber. Quando o líquido termina ele continua segurando-a, para que ele possa colocá-la em uma lixeira durante sua rota. Enquanto pula sobre um galho caído, a deixa cair. Ele tem duas opções: continuar correndo ou buscar a garrafa. Ele decide voltar e pegar a garrafa para descartá-la em um local apropriado. Este é o momento em que um humano pode ser considerado incorporado à natureza e à natureza a ele. (Medina, 2021, p. 07b, tradução nossa).

Compreender os processos de afetação e incorporação, nos diferentes espaços, é avançar para outros campos epistemológicos de discussão e produção

V. 00, N. 00 (2024)
ISSN 2319-0868

de conhecimento, onde se caminhe para além da necessidade de vigiar e punir, conforme apontado por Foucault (1987). Em qualquer contexto, o incorporado se manifesta de alguma forma seja em espaços urbanos, rurais ou coletivos e, por esse motivo, é importante o desenvolvimento de estudos sobre as diferentes realidades da vida humana.

Bondía (2002), afirma que:

> O sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. (2002, p.19).

Sendo assim, visto que é urgente as demandas do tempo há a necessidade de movimentos que se apropriem de lógicas, sustentadas por variáveis que desafiem a ciência, pois se até a física rendeu-se ao reconhecimento sobre o desconhecimento total das realidades, no que se refere as ondas que carregam energia e produzem a materialidade, a descoberta humana pode estar só começando independentemente do desafio que isso possa significar.

No contexto de intervenções mútuas entre o corpo e a cidade existe um percurso realizado, durante a trajetória dessa relação, por um corpo que está permanentemente em processo e que se realiza nos cotidianos produzidos pela vida no dia a dia.

Como fonte de expressão, o corpo, tem o direito de manifestar-se revestido de respeito, legitimidade, identidade e pertencimento como o que realmente é.

Movimentos finais: a expressão de *nós* urbanos e humanos

"A arte existe porque a vida não basta".

Ferreira Gullar

Durante a narrativa de situações, projeções e realidades a arte comunica a vida, expressando no tempo e no espaço, utilizando uma linguagem própria que é única e singular graças ao domínio que possui sobre as formas de comunicar. Assim, é capaz de afetar e transformar podendo favorecer pensamentos reflexivos sobre os argumentos da vida.

V. 00, N. 00 (2024)
ISSN 2319-0868

Os corpos interferem e produzem a cidade por meio de movimentos subjetivos e objetivos de diversas maneiras e a expressão, legitimada no universo da arte como linguagem, é capaz sensibilizar, afetar e transformar.

O corpo e a arte tecem a cidade edificada nas ruas, construções, aparelhos públicos e privados, cruzamentos e vias de acesso erguida pelos sentidos e significados impressos pelos sujeitos, pela cultura e grupos sociais. Como uma linguagem não linear, a arte, ao comunicar a vida instiga e reverbera a possibilidade de que diferentes textos e narrativas possam saltar dos cotidianos libertando-se mediante as vozes que manifestam alegrias, denúncias, lutas, desafios e dores e, que recorrentemente, instam por transformações e respostas. Nesse lugar a arte é forte e potente para transmitir os pensamentos, as lutas e os sonhos aspirando por outras formas de ser e viver no mundo. Por meio do exercício de pensar e refletir frente a realidade é capaz de promover uma ruptura das mordaças que aprisionam e silenciam, coercitivamente, libertando as vozes circulantes das cidades ao comunicar e revelar a vida.

A arte é uma forma do ser humano lidar com a realidade ao gestar produções que podem ser caracterizadas e revestidas de funções sociais, políticas, econômicas e educacionais, de maneira distinta. É considerada como o espaço no qual o artista, protagonista da obra, revela sua cultura, sentidos e significados.

Mejía aponta que “a arte e a comunicação nos ajudam a escrever nossa memória por meio de diferentes linguagens, e essa memória corre o risco de se transformar sem esquecer suas raízes” (2016, p. 71, tradução nossa).

> Dessa forma, arte e cultura fazem parte de um conjunto de disciplinas cujo objetivo principal é a transformação social e cultural das comunidades por meio da conscientização e da busca por uma melhor qualidade de vida. Pode-se dizer que a arte se torna uma ferramenta de comunicação que busca transformar a mentalidade dos seres humanos em relação às suas condições de vida, unificando essas duas disciplinas do conhecimento, arte e comunicação, em um interesse comum: a transformação social e cultural da sociedade. (Mejía Betancur, 2016, p. 64, tradução nossa).

Pensar e discutir sobre a complexidade que envolve o mundo, no qual o corpo é singular e a vida humana seja reconhecida como uma forma de existência, insta a urgência sobre a compreensão de que há um processo para humanização

V. 00, N. 00 (2024)
ISSN 2319-0868

de sujeitos, sejam citadinos ou não, visto que é a única possibilidade de resistência e existência no mundo.

Realizando uma leitura sobre as dinâmicas e os desenhos das cidades verifica-se que há uma relação direta entre os corpos e os espaços, durante os movimentos de aproximação e distanciamento. Utilizando as indicações de Sennett (2008), pode-se afirmar assertivamente que carne e pedra estão conectadas de maneira pulsante de forma material e imaterial.

Uma educação desprovida de processos para a humanização, dissipa as relações humanas nas cidades, resultando em *nós* urbanos e humanos reduzidos a materialidade nos centros urbanos, entretanto, há que se avançar para compreensão que as realidades são produtos e consequências de processos anteriores de sensibilização e produção de sentidos, pessoais e subjetivos, produzidos por cada sujeito que vive na/da cidade. Dessa forma, os comportamentos e fluxos das cidades, como interferências cotidianas, passam a ser traduzidas e reconhecidas como estruturas carregadas pelos espíritos, pessoais e coletivos, que lhes conferem sentidos e significados.

Argumentos da vida

> As histórias dos corpos e das cidades que estão nas memórias vividas do tempo, embora saltem das pautas para o presente por meio de um resgate histórico, jamais serão compreendidas em sua totalidade, visto que foram seladas nos contextos cotidianos do tempo.
>
> A humanidade que nos permite o sentido da vida é a mesma que nos desafia a ultrapassar esses mesmos limites que a condição humana nos concede diante de nossa incompletude.
>
> Autora (fev., 2025)

Referências:

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan.-fev.- mar.-abr. 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt Acesso: 18 fev. 2025.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder:** teorias da sujeição. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 00, N. 00 (2024)
ISSN 2319-0868

CAMUS, Manuela. **Ser indígena en ciudad de Guatemala.** México: FLACSO, 2002.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica.** Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CORADIN, Cristiane; OLIVEIRA, Simone Santos. Contribuições do conceito de corpo território e dos feminismos comunitários para pensarmos na construção de Territórios Saudáveis e Sustentáveis. **Saúde em Debate**, *[S. l.]*, v. 48, n. especial 1 ago., p. e8731, 2024. Disponível em: https://www.saudeemdebate.org.br/sed/article/view/8731. Acesso em: 28 maio. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa.** 25. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1996.

HISSA, Cássio E. Viana; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhaes. Cidade-corpo. **Revista da UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n.1, p.54-77, jan./jun. 2013. Disponível em: https://www.ufmg.br/revistaufmg/downloads/20/3-cidade-corpo_cassio_hissa_e_maria_nogueira.pdf. Acesso em: 09 fev. 2025.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário.** São Paulo: Brasiliense, 1997.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e da modernidade.** Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

MEDINA, Alice Maria Corrêa. Nem cá, nem lá – Para onde a pandemia da COVID-19 pode levar, já que perto/longe é nenhum lugar? **Revista Letras Raras**, Campina Grande, v. 10, n. 4, p. 30–41, 2021a. DOI: 10.5281/zenodo.8404639. Disponível em: https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/RLR/article/view/1269 Acesso em: 18 fev. 2025.

MEDINA, Alice Maria Corrêa. Relational Paradigm of Life New Meanings and Values for Life WHEN Viruses Threaten. **Revista da FUNDARTE**, *[S. l.]*, v. 44, n. 44, p. 1–10, 2021b. DOI: 10.19179/2319-0868.819/862. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/862 Acesso em: 18 fev. 2025.

MEJÍA BETANCUR, Liliana Patrícia. Art as a tool of communication for social change: the case of Medellín. **Folios, revista de la Facultad de Comunicaciones y Filología**, *[S. l.]*, n. 31, p. 59–74, 2016. Disponível em:

V. 00, N. 00 (2024)
ISSN 2319-0868

https://revistas.udea.edu.co/index.php/folios/article/view/326291. Acesso em: 16 dec. 2024.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; 2000.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. Geografia humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo, Difel, 1995. p. 143-164.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, 1998.p.61.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar.** São Paulo; Martins, 1998.

SIQUEIRA, Euler David de; SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. O corpo como imaginário da cidade. **Revista FAMECOS**, *[S. l.]*, v. 18, n. 3, p. 657–673, 2011. DOI: 10.15448/1980-3729.2011.3.10375. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/10375. Acesso em: 5 jun. 2025.

Recebido em: 18/02/2025.
Aceito em:09/06/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

V. 00, N. 00 (2024)
ISSN 2319-0868

Professora da Universidade de Brasília (UnB) - Docente da Faculdade de Educação Física da UnB. Foi integrante do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), da Universidade de Brasília e coordenadora da Linha de Pesquisa – Educação Ambiental e Educação do Campo (EAEC).
Possui doutorado em Ciências da Saúde pela UnB; Pós-doutorado em Educação - Universidade de Barcelona – Espanha; Pós-doutorado em Educação - Universidade de Brasília e Pós-doutorado em Ciências Sociais - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Desenvolve estudos e pesquisas sobre o Corpo, Cultura, Produção de Sentidos, Educação e Educação Infantil. Possui alguns livros publicados, por editoras universitárias, relacionados aos estudos sobre o corpo. O último livro publicado é intitulado " Corpo: Captura e Fuga", da Editora EdUERJ (2022) , com o prefácio apresentado pelo professor David Le Breton da University of Strasbourg - França.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9647-7951
E-mail: licinhamedina@gmail.com

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

REVISTA DA FUNDARTE